Utilizando MEAN Stack para o desenvolvimento de aplicações *web*

Adriano F. de Araújo1, Leonardo Sommariva2

1Departamento de Sistemas e Computação – Universidade Regional de Blumenau (FURB) – Blumenau, SC - Brazil

2 Departamento de Sistemas e Computação – Universidade Regional de Blumenau (FURB) – Blumenau, SC - Brazil

flachadriano@gmail.com, lsommariva@gmail.com

**Abstract.** This paper presents the MEAN Stack framework, developed to make easier to build web application focusing on develop front-end and back-end with one programming language the JavaScript. This framework use a few others to do it, AngularJS is used to front-end, back-end use MongoDB, Express and NodeJS.

**Resumo.** Este artigo apresenta o framework MEAN Stacj, desenvolvido para facilitar o desenvolvimento de aplicações web, visando o desenvolvimento de front-end e back-end com apenas uma linguagem de programação, o JavaScript. Para isto é realizada a utilização de diferentes outros frameworks em conjunto, sendo o AngularJS para o front-end e para o back-end são utilizados MongoDB, Express e NodeJS.

# 1. Introdução

Durante muitos anos JavaScript foi considerada por muitos como uma linguagem para amadores, porém sua arquitetura de desenvolvimento e potencial fez com que seus desenvolvedores mostrassem o poder desta linguagem. Com o surgimento do AJAX vislumbrou-se a possibilidade de transformar *sites* simples em aplicações *web*, o que inspirou o desenvolvimento de bibliotecas utilitárias, como jQuery e Prototype, para agilizar o desenvolvimento dessas aplicações. Google contribuiu para o contínuo crescimento da linguagem com o Chrome V8 (HAVIV, 2014). Este último, lançado em 2008, é uma máquina interpretadora de código JavaScript feita em C++, possibilitando o desenvolvimento de código JavaScript em processadores que suportem a linguagem C++ (GOOGLE, 2015).

Hoje em dia, JavaScript tornou-se ubíquo para o desenvolvimento de aplicações *web* client-side, porém para o desenvolvimento do servidor dessas aplicações *web*, muitas linguagens, frameworks e APIs entram em voga. Várias dessas opções atenderam às expectativas e estão decolando entre os desenvolvedores e empresas, enquanto outras ficaram obsoletas com o tempo. Em 2009, as pessoas já haviam se dado conta do potencial que JavaScript tinha como linguagem para o desenvolvimento de aplicações para o navegador, quando Ryan Dahl vislumbrou o potencial que esta linguagem tinha para o desenvolvimento de aplicações no servidor, então nascia o Node (BROWN, 2014).

Conforme Almeida (2015), O acrônimo MEAN foi cunhado em 2013 por Valeri Karpov do time do MongoDB para denotar o uso de uma stack completa para desenvolvimento de aplicações incluindo MongoDB, Express, AngularJS e Node.js.

A letra M do termo MEAN denota o MongoDB, um banco de dados orientado a documentos, que traz um novo conceito de armazenamento de dados, onde não há um esquema fixo definindo como cada dado armazenado deve ser (CHODOROW, 2013). A forma de armazenamento utilizada é muito similar ao JavaScript Object Notation (JSON) o que ajuda a realizar o armazenamento e reaver os dados, pois JSON é o formato comumente utilizado para prover e consumir APIs. Este formato de armazenamento realiza poucas validações em relação aos dados recebidos, tendo a aplicação a maior parte da responsabilidade de validar estes dados (ALMEIDA, 2015). Mantendo funcionalidades disponibilizadas por um banco relacional, como por exemplo índices e ordenação.

Express, criado em 2009, é responsável pela organização da aplicação no lado do servidor, utilizando a arquitetura MVC (ALMEIDA, 2015). Inspirado no *framework* Sinatra, desenvolvido em Ruby, que preza por desenvolvimento rápido, eficiente e manutenível. Seguindo esta ideia, Express disponibiliza uma camada mínima para o desenvolvimento da aplicação, porém, sua grande força está em permitir que sejam acoplados *middlewares*, que são responsáveis por executar alguma tarefa maior para a aplicação. Permitindo assim, que o framework evolua constantemente através de seus *middlewares*, assim como ocorre com Sinatra (BROW, 2014).

AngularJS implementa a letra A do MEAN Stack, que é responsável pelo desenvolvimento de aplicações no lado do cliente utilizando conceito de Single Page Application (SPA) onde a aplicação necessita ser carregada completamente apenas uma vez, sendo as demais chamadas realizada apenas para buscar partes necessárias para realizar a apresentação dos dados ao usuário (ALMEIDA, 2015). Este framework preza por desenvolver a aplicação de forma declarativa, extendendo as tags HyperText Markable Language (HTML), as tags adicionadas através deste framework são responsáveis por modularizar a aplicação (BRANAS, 2014). Este artigo focará no desenvolvimento da parte de servidor de uma aplicação web, sendo assim não será abordado o funcionamento do angular no MEAN Stack.

NodeJS é uma plataforma para aplicações JavaScript que roda sobre o Chrome V8. Nesta plataforma é possível utilizar bibliotecas desenvolvidas pela comunidade através do gerenciador de pacotes NPM. NodeJS seria o core da aplicação web.

# 2. Persistindo dados com MongoDB

MongoDB é um banco de dados orientado a documentos e não um banco relacional, desta forma o conceito de “linha” de uma tabela é substituído pelo modelo de “documento”, assim é possível prover maior facilidade e flexibilidade para alterações na modelagem dos dados, podendo armazenar um documento com uma lista de outros documentos em um mesmo registro, algo muito comum de ser observado no desenvolvimento orientado a objetos. Este banco se utiliza de esquemas não fixos onde chaves e valores não tem tamanhos ou tipos fixos, o que permite que facilmente seja realizada adição e remoção de campos, fazendo com que seja facilitado escalar este banco, sendo um de seus maiores destaques entre os bancos de dados atuais (CHODOROW, 2013).

Documento é um conjunto de chaves associadas a valores, representado de diferentes formas em diversas linguagens, em formas de mapas, *hash*s, dicionários, entre outros, em JSON são representados como objetos, conforme é apresentado no Quadro 1, neste documento pode ser verificado que há três chaves: nome, framework e versão. Como pode ser verificado na chave versão, este formato comporta diferentes tipos de dados, onde os dois primeiros são textos e o terceiro é numérico (CHODOROW, 2013).

|  |
| --- |
| {“nome” : “Adriano”, “framework” : “MEAN Stack”, “versao” : 1} |

Quadro 1. JSON

O formato de armazenamento utilizado pelo MongoDB funciona de forma muito similar ao apresentado no Quadro 1, sendo que devem ser observadas algumas regras e orientações sobre o funcionamento:

* Chaves não devem conter o caracter *\0* (caracter conhecido como *null*), pois é utilizado para identificar o fim do identificador de uma chave;
* Os caracteres “.” e “$” são comumente utilizados como chave para identificar propriedades especiais, tendo sua utilização restringida a alguns casos;
* As chaves são *case-sensitive*, ou seja, quando utilizado letras maiúscula como chave será diferente de se utilizar somente caracteres minúsculos;
* Não são aceitas chaves repetidas dentro de um documento;
* O *schema* não deve depender da ordem em que os campos são ordenados, pois o MongoDB pode ser realizar alterações em alguns casos.

Conjuntos de documentos que representem a modelagem de algo são agrupados em coleções. Assim como um documento está para uma linha no banco relacional, uma coleção está para uma tabela. Porém o MongoDB não controla o que é adicionado em uma coleção, sendo assim, é possível que haja dentro de uma mesma coleção dois documentos com chaves totalmente diferentes entre si. Apesar de o MongoDB prover esta liberdade para armazenamento de objetos de diferentes modelos dentro de uma coleção, não é aconselhável utilizar-se disto, pois conforme a massa de dados evolui serão observadas maiores dificuldades para identificar objetos dentro de uma coleção acarretando na necessidade de haver restrições muito genéricas para varrer uma grande massa de dados (CHODOROW, 2013).

Este banco de dados organiza as coleções de documentos em bases de dados, sendo que uma instância do MongoDB pode armazenar várias bases de dados. Sendo que cada uma das bases de dados tem permissões de acesso específicas e é salva em arquivos separados do disco. Bases de dados são comumente utilizadas para armazenar separadamente os dados de diferentes aplicações ou de usuários (CHODOROW, 2013).

Para realizar a verificação da aplicação destes conceitos no banco de dados será necessária a utilização da janela de terminal do sistema operacional, após abri-la será necessário inicializar o MongoDB através do comando: mongod. Em outra janela deve ser executado o comando: mongo.

Conforme apresentado nesta seção o MongoDB trabalha com uma estrutura do organização onde as bases de dados armazenam coleções, que por sua vez armazenam documentos, ao inicializar o MongoDB, por padrão é criada uma base de dados chamada *test*, para verificar isto basta executar o comando: show dbs. Para criar uma base de dados específica basta executar o comando use e nome da base de dados que se deseja criar, por exemplo: use mymony. Desta forma será possível trabalhar manipular uma base de dados totalmente independente. Para realizar acesso a esta base dados, para realizar qualquer tipo de manipulação nela, como inserção de um documento, o MongoDB disponibiliza acesso à variável db, dentro deste objeto estarão todas as coleções com seus documentos.

A inserção de um documento em uma coleção é apresentada no Quadro 2. Como pode ser verificado na segunda linha, é realizado acesso a contatos que está em db, e nesta coleção é adicionado o documento necessário e por fim na terceira linha é apresentada informação de que o dados foi inserido corretamente, porém como pode ser verificado, foi inserido um documento em uma coleção sem que fosse necessário cria-la anteriormente, isto se deve ao fato que o MongoDB realiza esta criação, caso identifique que a mesma não existe entre as coleções disponíveis.



Quadro 2. Inserindo documento

No Quadro 3 é apresentado como listar documentos de uma determinada coleção. Como pode ser verificado na segunda linha, foi armazenado o contato salvo, porém foram adicionados mais dado que os enviados. A informação “\_id” é criada e controlada pelo MongoDB, esta informação cria uma chave única para o documento dentro da coleção em que se encontra, isso significa dizer que o em outra coleção pode haver uma chave idêntica, porém não haverá outra igual dentro da mesma coleção.

O valor da chave “\_id” está dentro de um objeto, chamado de ObjectId, que é um dos tipos de dados suportados pelo MongoDB. Enquanto o formato JSON disponibiliza o suporte a seis tipos de dados (Array, Boolean, null, Number, Object e String) o BSON (Binary JSON) suporta mais de 15 tipos de dados (ALMEIDA, 2015). BSON é o nome dados ao formato de dados com o qual o MongoDB armazena os dados.



Quadro 3. Listando documentos

# 3. O servidor de aplicações *web*, Node

Node tem muito em comum com outros servidores web muito populares, como Internet Information Services (IIS) e Apache. Mas o que chama a atenção para o Node são suas diferenças. Enquanto um profissional pode ter que estudar por anos para conseguir dominar todas as características do servidores *web* IIS ou Apache, o Node busca ser minimalista para que de forma simples e rápida possa ser configurado e iniciado. O que não significa afirmar que realizar uma análise de performance para produção seja algo trivial, porém suas opções de configurações são mais simples e objetivas (BROWN, 2014).

Uma característica que diferencia outros servidores tradicionais do Node é seu tratamento *single* *thread*, o que pode parecer um retrocesso, porém segundo Brown (2014) esta forma de tratamento simplifica muito o controle das regras de negócio em aplicações *web*, e caso seja necessário que a aplicação seja *mulithread* é possível levantar quantas instâncias forem necessárias do Node, que será obtido o mesmo desempenho de uma aplicação *mulithread*.

Entre outras características destacadas por Brown (2014) estão:

* Publicação da aplicação: enquanto linguagens como Java e .NET necessitam serem traduzidas para linguagem de máquina, para que assim possam ser executadas no servidor de aplicação, outras linguagens como PHP e Ruby tem o próprio código programado enviado para o servidor para que seja executado. O que é muito semelhante ao que ocorre com JavaScript, que se utiliza da máquina V8 da Google para compilar o código de forma transparente, sem que haja a necessidade que este passo tenha alguma interação por parte do desenvolvedor para que ocorra, e assim possa ser executado pelo servidor de aplicação.
* Plataforma independente: para rodar aplicações .NET no sistema operacional Linux, é possível rodar através do *software* Mono, porém é um trabalho muito árduo. Algo que não ocorre com outras linguagens como PHP, que têm este processo simplificado, com pouca diferença entre as plataformas. Tendo o Node um processo mais simplificado e uniforme entre as plataformas mais comuns (Windows, OS X e Linux). Esta característica é principalmente notada em times multi disciplinares, onde há designers e programadores trabalhando em um mesmo, onde geralmente se utilizam de computadores com o sistema OS X e Windows respectivamente.

Assim como Java tem o Maven para controle de bibliotecas de terceiros, o Node também se utiliza de um pacote de controle de pacotes e dependências, conhecido como npm. Através deste gerenciador de pacotes que será realizada a instalação no framework para o lado do servidor, Express, o qual é explicado na seção 4. Para instalar algum pacote é necessária a utilização de uma janela do terminal do sistema operacional utilizado executando o comando npm install seguido do pacote a ser instalado, para o Express o comando seria npm install express.



Quadro 4. Criando um servidor Node

No Quadro 4 é apresentado como criar um servidor em Node respondendo ao acesso as páginas:

* <http://localhost:3000/>: retornando o texto “Homepage”;
* <http://localhost:3000/about>: retornando o texto “About”;
* <http://localhost:3000/xpto>: retornando o texto “Not found”, quando solicitada alguma página que não seja uma das duas informadas anteriormente.

Na linha 1 do Quadro 4 é realizada a importação da biblioteca http, que é responsável por controlar os acessos a rede, na linha 3 é solicitada a criação do servidor através da chamada ao método createServer, é enviada uma função como parâmetro, que será executada para cada chamada a aplicação. Na lnhas 7 é chamado o método *writeHead* da variável *res*, este método realiza a escrita no cabeçalho de resposta à solicitação informando o *status* 200, que significa que o processo foi executado com sucesso e que a resposta da solicitação deve ter conteúdo em forma de texto (text/plain) e na linha seguinte, ao chamar o método end informa que deve ser retornado o texto “Página inicial” ao usuário. Por fim, na linha 19, informa que a aplicação estará interceptando qualquer chamada à porta 3000.

# 4. Aplicação *server-side* com Express

Express é descrito em seu *site* da seguinte forma: “O Express é um framework para aplicativo da web do Node.js mínimo e flexível que fornece um conjunto robusto de recursos para aplicativos web e móvel” (EXPRESS, 2016). Brown (2014), explica as características deste framework em 5 aspectos: *minimal*, *flexible*, *web application framework*, *single-page web applications* e *multipage and hybrid web applications*.

Segundo Brown (2014) o aspecto *minimal* é o mais forte do *framework* Express, pois a filosofia do *framework* é prover uma camada mínima entre o que se deseja e o que é desenvolvido. O que significa que é esperado que o *framework* dê a liberdade para que o desenvolvedor possa expressar suas ideias através do código, porém disponibilizando funções úteis para alcançar o objetivo.

O aspecto *flexible* é descrito por Brown (2014) como outro ponto chave da filosofia do Express, onde é disponibilizada uma fina camada para o desenvolvimento da aplicação e permitindo que em diferentes partes do *framework* possam ser adicionadas quaisquer funcionalidades necessárias, através de bibliotecas.

O termo *framework* para aplicações *web* é utilizado para descrever o *framework* Express, porém, Brown (2014) reitera que isto não significa afirmar que este framework somente pode ser utilizado para o desenvolvimento de aplicações *web*, mas que também pode ser utilizado para o desenvolvimento de *websites* e páginas *web*, informando que um *website* é um tipo de aplicação *web*, assim como uma página *web*. Sendo que uma aplicação permite *web* permite desenvolver outras funcionalidades, como prover uma funcionalidade para outra aplicação *web*.

Conforme descrito por Brown (2014), em uma aplicação *web* comum é realizado uma requisição para o servidor toda vez que o usuário navega para uma página diferente. Sendo que em aplicações *web single-page*, isto não ocorre. Em uma *single-page web application*, quando o usuário acessa a aplicação é baixado todo o código necessário para construir as telas. Desta forma, a navegação pela aplicação se torna mais rápida.

Por fim, o aspecto *multipage and hybrid web applications* é descrito por Brown (2014) como a forma mais tradicional de desenvolvimento de *websites*. Onde cada página é baixada em uma solicitação nova ao servidor. Ainda conforme Brown (2014), isto não significa dizer que por esta forma ser mais antiga, deve ser considerada inferior à *single-page*, apenas que o framework disponibiliza mais opções para o desenvolvimento da solução necessária, inclusive é possível mesclá-las para que atenda às necessidades.

No Quadro 5 é apresentado o desenvolvimento da mesma aplicação do Quadro 4, porém utilizando o framework Express. Sendo na linha 5 realizada chamada ao método get da variável app, este último armazena todas as configurações para a aplicação, enquanto o método get informa que quando for realizada uma chamada à rota recebida como primeiro parâmetro a função enviada como segundo parâmetro deve ser executada. Na linha 6 informado que o tipo da resposta deve ter seu conteúdo em forma de texto (text/plain) e na linha seguindo é informado o conteúdo da resposta. Na linha 17 é informado que o status para a resposta deve ser 404, o que significa que a url solicitada não está entre as suportadas pela aplicação. Por fim, na linha 21 é informado que deve ser iniciado o servidor interceptando a porta 3000, configurado no primeiro parâmetro e no segundo parâmetro é informada a função que deve ser executado ao iniciar o servidor com sucesso.



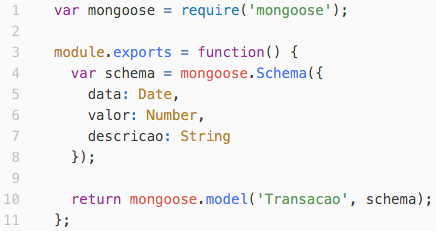
Quadro 5. Criando um servidor Node com Express

# 5. Persistindo dados da aplicação com Mongoose

O Node dispõe de um *driver* para ligar a aplicação hospedada pelo Node ao MongoDB, porém é um *driver* de baixo nível, para isto o MongoDB disponibiliza de forma oficial um *driver* que realiza essa persistência de dados de uma forma chamada de “object document mapper” (ODM), conhecido como Mongoose.

O JavaScript por natureza é extremamente flexível, permitindo que sejam adicionadas propriedades e métodos sem a necessidade de alterar classes ou configurações. Isto pode impactar de forma negativa ao banco de dados por tornar difícil a tarefa de otimização no tratamento dos dados. Mongoose tem o objetivo de balancear este ponto, sendo introduzidos os conceitos de *schemas* e modelos, que podem ser comparados as classes de configuração em linguagens de programação orientadas a objetos, porém permite que o controle dessas configurações se mantenham flexíveis para alterações, provendo a estrutura necessária ao banco de dados (BROWN, 2014). Para instalar esta biblioteca é necessário abrir uma tela do terminal do sistema operacional e executar o comando: npm install mongoose.

No Quadro 6 é apresentado um exemplo de como configurar um modelo utilizando Mongoose, onde na linha 1 é realizada a importação da biblioteca. Entre as linhas 4 e 8 é definido um mapa onde as chaves são os nomes dos campos que serão suportados para o modelo e os valores são os tipos de dados que este campos devem ter. Na linha 10 o modelo definido é registrado no Mongoose.



Quadro 6. Schema utilizando Mongoose

# 6. Aplicação exemplo

Para demonstrar a utilização do *framework*, foi desenvolvida uma aplicação exemplo onde será possível cadastrar despesas pessoas e visualizar os dados cadastrados.

# 7. Conclusão

As referências bibliográficas devem ser inequívocas e uniforme. Recomendamos dar os nomes dos autores referências entre parênteses, por exemplo, [Knuth 1984], [Boulic e Renault 1991]; ou datas entre parênteses, por exemplo, Knuth (1984), Smith e Jones (1999).

# Referências

ALMEIDA, Flávio. MEAN: **Full stack JavaScript para aplicações web com MongoDB, Express, Angular e Node**. São Paulo: Casa do Código, 2015. 377 p.

BROWN, Ethan. Web Development with Node & Express: **Leveraging the JavaScript Stack. Sebastopol**: O’Reilly Media, 2014. 306 p.

CHODOROW, Kristina. MongoDB: **The Definitive Guide**. 2. ed. Sebastopol: O’Reilly Media, 2013. 410 p.

BROWN, Ethan. Web Development with Node & Express: **Leveraging the JavaScript Stack**. Sebastopol: O’Reilly Media, 2014. 306 p.

GOOGLE. Chrome V8: **Google's high performance, open source, JavaScript engine**. 2015. Disponível em: <https://developers.google.com/v8/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

HAVIV, Amos Q. MEAN Web Development: **Master real-time web application development using a mean combination of MongoDB, Express, AngularJS, and Node.js**. Birmigham: Packt Publishing, 2014. 456 p.

EXPRESS. **Express:** Framework de aplicativo da web Node.js. 2016. Disponível em: <http://expressjs.com/pt-br/>. Acesso em: 21 abr. 2016.